

TRIVIAL VARIADO
RUBEM BRAGA

UMA CARTA BANAL

A carta é banal — o sujeito quer reajustamento de salário — mas contém alguns conceitos curiosos. Foi um conhecido meu que a mandou ao diretor de uma grande revista. Como não gosto de tratar de casos pessoais alterei os nomes. Transcrevo:

“Venho, por meio desta, chamar novamente sua atenção para minha situação salarial na revista *Pierrete*. Na carta que lhe enviei em junho de 1964, e que não teve resposta, que dirá atendimento, apresentei argumentos que entendi válidos para solicitar um reajustamento de meu salário. A passagem desses oito meses, com o notório e substancial aumento do custo de vida, dispensa, creio eu, nova argumentação.

Acredito, Sr. Pleck, que um reajustamento na base de 100 por cento já não representaria nenhum aumento de meu salário real. O Sr. não ignora o fenômeno da inflação. Há quem diga que sua principal vítima é o assalariado, e já é clássica a observação de que “enquanto os preços sobem pelo elevador, os salários sobem pela escada”. No meu caso o salário não tem subido nem pela escada nem de nenhum outro modo. Tudo sobe, inclusive o preço da venda avulsa da revista e a tabela de publicidade. Nesse turbilhão ascendente há um ponto imóvel na aparência: meu salário. Na realidade êle desce as escadas do porão, e de lá não sei aonde poderá ir, se não cavar uma fossa.

A esplêndida prosperidade dessa empresa, sempre a adquirir máquinas e construir prédios, já agora partindo para requintes de arte e de luxo, deve ter distraído sua atenção de meu obscuro caso. Os Plecks já são apontados, é verdade que principalmente pelas suas próprias publicações, como figuras magníficas e até beneméritas, com iniciativas douradas pelo espírito público e pelo afã de prestigiar a inteligência e as artes.

A mesa de seus numerosos banquetes brilham as figuras exponenciais das classes dominantes e dos sucessivos governos, e marechais, banqueiros, vedetes e dignitários. Eu, que sou apenas um trabalhador intelectual, peça quiçá dispensável e despicienda na pomposa organização desse tipo de imprensa moderna, talvez devesse buscar meios de retribuir a insigne honra de ter o privilégio, durante cerca de onze anos, de figurar nas páginas dessa revista. Uma lamentável questão de ordem material — a do salário — tira-me porém a perspectiva para contemplar, em todo o esplendor de seus ouropéis, a grandeza apoteótica dessa empresa cívico-artístico-benemérita, e de participar de sua louvável campanha de otimismo.

O ideal seria talvez, para a mais tranqüila glorificação dessa esplêndida realidade, que é a *empresa moderna*, que ela pudesse atingir o estágio de dispensar a aborrecida colaboração dos trabalhadores. O proletariado, sempre a apresentar reivindicações e fazer pedidos e exigências, interesseiro e deselegante, é um elemento perturbador da harmonia social, e esperemos ver chegar o dia em que o avanço da técnica e da automação permitirá eliminá-lo completamente, para felicidade perfeita de todos os senhores Plecks.

É possível que sua intenção, aviltando constantemente, pelo imobilismo, a minha paga, seja apenas cooperar com o esforço do Governo no sentido de conter os gastos dos assalariados para combater a inflação. É uma intenção patriótica, mas afinal eu não chego a me sentir um inimigo do Brasil nem de seu Governo insistindo prosaicamente em obter um reajustamento de meu salário.

Acredite em minha fervorosa admiração.”